

## As concepções educacionais de José Martí: uma pedagogia decolonial?

*Las concepciones educativas de José Martí: ¿una pedagogía decolonial?*

Amélia Cardoso de Almeida<sup>1</sup>

### Resumo

A partir da análise das concepções educacionais de José Martí (1853-1895), pretende-se discutir sobre as possibilidades de vislumbrar as concepções educacionais martianas como uma proposta de ensino que atualmente a luz da crítica decolonial latino-americana, podemos considerar como um ensino que buscava transcender e questionar o colonialismo e a colonialidade, resultando em uma pedagogia decolonial. Para tanto, primeiro será abordado em linhas gerais o contexto histórico, político e social da formação profissional e intelectual de José Martí. Depois será apresentado as concepções educacionais de Martí. A partir de então, será discutido se as concepções educacionais de Martí podem ser consideradas como uma proposta pedagógica decolonial.

Palavras-chave: José Martí; Educação; Colonialismo; Decolonialidade; América Hispânica.

### Resumen

A partir del análisis de las concepciones educativas de José Martí (1853-1895), pretendemos discutir las posibilidades de vislumbrar las concepciones educativas en Martí como una propuesta didáctica que a la luz de la crítica decolonial latinoamericana, podemos considerar como una enseñanza que buscaba trascender y cuestionar el colonialismo y la colonialidad, resultando en una pedagogía descolonial. Para tanto, en primer lugar, se abordará en términos generales el contexto histórico, político y social de la formación profesional e intelectual de José Martí. Luego se presentarán los conceptos educativos de Martí. A partir de ahí, se discutirá si las concepciones educativas de Martí pueden considerarse como una propuesta pedagógica descolonial.

Palabras clave: José Martí; Educación; Colonialismo; Decolonialidad; América-Hispana.

### 1. Breve contexto histórico, político e social de formação profissional e intelectual de José Martí

José Julián Martí Y Perez nasceu em Havana no ano de 1853 e faleceu no ano de 1895, perto de um lugar chamado Boca de dos Ríos, na cidade de Santiago de Cuba. Sua morte ocorreu em meio a revolução contra o colonialismo espanhol. Foi ferido mortalmente, após sua tropa ser surpreendida por uma formação de soldados espanhóis. Os companheiros que lutavam ao lado de Martí na ocasião de sua morte não puderam resgatar seu corpo. Os próprios espanhóis levaram o corpo, que foi enterrado em Santiago de Cuba.

Martí era de uma família de classe social baixa. Tanto que foi retirado da escola ainda criança para ajudar seu pai com o sustento da família. Mas graças ao seu bom desempenho

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás-UFG. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: amelya\_500@yahoo.com.br.

como estudante, não passou despercebido aos olhos do mestre cubano Rafael María de Mendive Y Daumy, professor da escola onde Martí estudava. Este conseguiu autorização junto ao pai de Martí para custear os estudos de Martí. Mendive também era um poeta, um homem que detinha um sentimento de amor pela pátria, vinculado à ideia de luta contra o colonialismo espanhol, despertando em Martí, ainda criança, uma profunda admiração, respeito e sobretudo a necessidade de luta contra o colonialismo espanhol em Cuba. É considerado o principal mestre intelectual e também como um segundo pai para José Martí (RETAMAR, 1983).

A luta de Martí contra o colonialismo espanhol tem como marco inicial a Guerra dos Dez Anos contra a Espanha, que teve início em 1868 e se prolongou até 1878. Martí participou da Guerra dos Dez Anos, acompanhando seu mestre Mendive. Publicou clandestinamente alguns escritos, como um soneto intitulado “O Dez de Outubro”, referência ao dia de início da guerra. Ajudou a editar jornais como o “El Diablo Cojuelo” e “La Pátria Libre” no ano de 1869 e também publicou clandestinamente alguns escritos, como o poema “Abdala” (1869), que narra a história de um jovem que morreu lutando por sua pátria.

Segundo Retamar (1983), devido a um incidente, ocorrido já no segundo ano da Guerra, quando alguns espanhóis encontraram uma carta na qual Martí acusava um dos colegas de estudo de apostasia por terem se aliado ao exército espanhol, Martí foi preso, julgado no dia 4 de março de 1870, sendo condenado a seis anos de prisão e a trabalhos forçados em uma pedreira, em San Lázaro, próximo a Havana. Depois de um ano, conseguiu, por intermédio de seu pai, devido ao agravamento de alguns problemas de saúde, ser enviado para a ilha de Pinos e depois deportado para a Espanha, onde viveu por cerca de três anos. Martí passou boa parte de sua vida na condição de exilado. Viveu na Espanha, conheceu alguns outros países europeus e a realidade de social, política e econômica de muitos países da América-hispânica. Apesar de suas andanças por inúmeros países, passou boa parte do exílio em Nova York, de onde passou a tecer através de seus escritos muitas críticas contra as intenções neocolonialistas dos Estados Unidos em relação a Cuba, sua pátria e outros países da América-espanhola.

## **2. Objetivos**

Entender em linhas gerais sobre o contexto histórico, político e social de formação do pensamento profissional e intelectual de José Martí e identificar suas ideias educacionais. A partir de tal identificação discutiremos a luz da crítica decolonial latino-americana sobre a possibilidade ou não do pensamento educacional de Martí poder ser considerado como uma pedagogia decolonial.

## **3. Metodologia**

Para conseguirmos alcançarmos nossos objetivos foi feita uma investigação sobre o contexto histórico, político e social de formação profissional e intelectual de José Martí. A partir de então, abordaremos a seguir sobre o pensamento educacional de Martí. E por fim, a luz de intelectuais como Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Dignolo, buscaremos entender o que é uma pedagogia decolonial. E a partir de então, tentaremos responder a pergunta orientadora deste texto: se as concepções educacionais de José Martí podem ser consideradas como uma pedagogia decolonial?

## **4. As concepções educacionais de José Martí: uma pedagogia decolonial?**

Para Martí a educação era instrumento fundamental na luta contra o colonialismo e suas heranças. As propostas educacionais de Martí, em um primeiro momento tinha como base a realidade de Cuba, sua pátria, que no contexto que Martí defende suas ideias ainda era colônia da Espanha. E depois, a partir de suas vivências em outros países da América, suas propostas educacionais foram direcionadas também aos outros países da América Espanhola que já eram do ponto de vista político e jurídico independentes. Martí defendia a tese de que a colônia continuou vivendo nas novas repúblicas que se formaram a partir das independências políticas e jurídicas, devido a importação excessiva de ideias européias e estadunidense (MARTÍ, 2011).

Nos Estados Unidos no final do ano de 1889 José Martí iniciou a publicação mensal de uma revista “La edad de Oro” cujo objetivo era o entretenimento e a instrução para as crianças da América de forma terna, conforme ressalta Ricardo Nassif: “A linguagem de Martí não perdia em beleza nem descia à puerilidade ou ao sentimentalismo para dirigir-se às crianças” (NASSIF, 2010, pag.14). Percebemos a preocupação de Martí com a educação das crianças, pois para ele, elas representavam a esperança de um futuro melhor. Assim, o pensamento educacional de Martí vislumbrava as crianças como formadoras da consciência nacional, como a esperança da nação. O objetivo desta revista era dialogar com as crianças, instruindo-as para que soubessem o que deveriam fazer para se tornarem homens e mulheres: moralmente bons, inteligentes e ávidas pelo saber: “Sin las niñas no se puede vivir, como no puede vivir la tierra sin luz. El niño ha de trabajar, de andar, de estudiar, de ser fuerte, de ser hermoso (...)” (MARTÍ, 2006: pag. 83).

A educação era para Martí um ato de amor, os professores deveriam transmitir também ternura aos educandos, além de um ensino que propiciasse ao educando utilizá-lo no seu dia a dia, um ensino que caminhasse lado a lado com a realidade dos aprendizes. Assim diz Martí: “Os filhos dos camponeses não podem se afastar léguas inteiras, dias após dias, do lugar paterno para ir aprender declinações em latim e operações matemáticas” (MARTÍ, 1983a, pag. 84).

Martí fala em despertar a curiosidade dos educandos: aproveitando-se de seus afazeres diários, os professores poderiam instigá-los a querer saber de outros assuntos, aprofundar seus conhecimentos, infiltrando na sua mente uma ciência que serviria aos seus próprios interesses (MARTÍ, 1983a). O receptor desse conhecimento prático e terno seriam o hispano-americano, o sujeito que, através da educação moral e intelectual, construiria uma nova identidade. Algo novo, que seria construído a partir da valorização do passado, anterior a colonização. Segundo Martí, esta interrompeu o desenvolvimento natural de grandes civilizações da América Hispânica: “Robaron lós conquistadores una página al Universo” (MARTÍ, O.C, V.8, 1975,pag.335). E esta página roubada deveria ser recuperada, principalmente via educação, para que os hispano-americanos pudessem caminhar rumo a um futuro que valorizasse a peculiaridade da América hispânica em relação aos europeus e aos estadunidenses.

Se aproximando desta perspectiva de Martí, o filósofo argentino Enrique Dussel escreve em sua obra “1492- o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade” (1993), que a cultura que existia na América-hispânica antes da chegada dos colonizadores estava protegida. Após a chegada dos europeus ela foi descoberta e em seguida “en-coberta” pelos conhecimentos construídos na Europa, considerados únicos: “A Europa tornou as outras culturas, mundos, pessoas em objetos: lançados (-jacere) diante (ob) de seus olhos. O “coberto” foi “des-coberto”: ego cogitatum, europeizado, mas imediatamente “en-coberto” como Outro, o Outro constituído como o Si-mesmo” (DUSSEL, 1993,pag.36).

Nesse sentido, a partir das leituras realizadas até o presente momento<sup>2</sup> sobre as concepções educacionais de José Martí, podemos inferir que ele almejava uma educação para todas as pessoas, e esta deveria estar orientada para a vida prática dos educandos, valorizando as peculiaridades históricas e culturais dos povos da América Hispânica. A educação deveria levar as pessoas a pensar por si mesmo, a ser honrado, uma educação que estivesse em sintonia com a natureza, com elementos que expressam as tradições e a cultura autóctone da América hispânica. Sendo defensor da educação e cultura como elementos fundamentais para a formação de homens livres, independentes e autônomos. Martí defendia a necessidade urgente da América hispânica acordar para a própria realidade, pois viviam imitando o colonizador ao invés de criar, de escrever sua própria história: “Entende-se que se imita demais e que a salvação é criar. Criar é a palavra chave desta geração” (MARTÍ, 1983b, pag. 199). E o despertar da América espanhola aconteceria por intermédio de um ensino que estivesse em sintonia com o cotidiano dos hispano-americanos. Nessa perspectiva, almeja que o ensino se adeque ao novo homem e ao seu tempo cultural e social para que a América espanhola forme seus próprios governantes. Argumenta José Martí: “Conhecer o país e governá-lo conforme o conhecimento; é a única forma de livrá-lo das tiranias” (MARTÍ, 1983b, pag. 196/197).

Após analisarmos o contexto histórico, político e social de formação profissional e intelectual de José Martí e posteriormente abordar sobre as concepções educacionais de Martí, pretende-se agora discutir a luz da crítica decolonial latino-americana sobre o que vem a ser uma pedagogia decolonial, para então tentar vislumbrar ou não as concepções educacionais de Martí como uma pedagogia que poderá ser chamada atualmente de pedagogia decolonial.

A pedagogia decolonial é aquela que busca superar a lógica universal de conhecimento introduzida pelo Colonialismo e pela Colonialidade. Quijano em seu artigo “Colonialidade do poder e classificação social”(2010) diz que com a conquista e colonização da América o emergente poder capitalista europeu torna-se mundial e a colonialidade e a modernidade estabeleceram-se como eixo central desse poder: “A colonialidade é um dos elementos Constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo. (...) (QUIJANO, 2010,p.84)

Segundo Quijano (2010) em todas as sociedades colonizadas pela Europa foi imposta sua perspectiva cognitiva de conhecimento: o eurocentrismo que foi hegemonicamente imposto aos povos dominados. Os povos colonizados foram alijados dos seus saberes intelectuais, “foram reduzidos à condição de indivíduos rurais e iletrados” em detrimento de uma hierarquia de conhecimento na qual o conhecimento europeu é tido como conhecimento válido, em contrapartida o conhecimento produzido pelos não europeus eram considerados como conhecimentos de segunda ordem, pois estavam fora da lógica ocidental e moderna de se produzir conhecimento científico.

Segundo Mignolo (2017) como resistência e desobediência, surge a decolonialidade no mesmo momento que surgiu o colonialismo e a colonialidade. Portanto, desde do século XVI, questionando a lógica eurocêntrica, moderna, universal e colonial de agir e de produzir conhecimento, a decolonialidade como resistência e desobediência epistêmica se fizeram presente: “uma visão da vida e da sociedade que requer sujeitos descoloniais, conhecimentos descoloniais e instituições descoloniais” (MIGNOLO, 2017, pag.06). Nesse sentido, tendo como base as discussões apresentadas acima, podemos inferir que uma educação que busque superar a colonialidade do saber, que questione a lógica universal de conhecimento de matriz

---

<sup>2</sup> 05/08/2020.

européia, um ensino que busque a construção de outros marcos epistemológicos que não sejam hierarquizantes, pode ser considerado como uma pedagogia decolonial. Sendo, nesse sentido a pedagogia decolonial presente em todos os ensinamentos dos povos indígenas da América hispânica. Ensinaamentos que eram rejeitados pela perspectiva de conhecimento eurocêntrica.

## 5. Considerações finais

Mediante ao que Martí nos apresentou em sua obra sobre a educação como instrumento de luta contra o colonialismo e a colonialidade e de acordo com o que apresentamos sobre a decolonialidade, como sendo uma prática epistêmica e política de questionamento da colonialidade em todas as suas ramificações: colonialidade do poder, do ser, do saber e colonialidade de gênero, acreditamos que as concepções educacionais de Martí se aproximam de uma pedagogia decolonial, quando esta se propõe a questionar os padrões de poder colonial e criar possibilidades e formas diferentes de ser, de viver e de saber, de buscar conhecimentos outros, além do conhecimento eurocêntrico.

## Referências

DUSSEL, Enrique. 1492 *O Encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MARTÍ, José. *Nossa América= Nuestra América/José Martí*.- Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

MARTÍ, José. *Professores Ambulantes*. Roberto Fernandez Retamar (org), São Paulo: Hucitec, 1983a.

MARTÍ, José. *Nossa América*. Roberto Fernandez Retamar (org), São Paulo: Hucitec, 1983b.

MARTÍ, José. *La Edad de Oro*, Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S. A), 20 Juan Ignacio Luca de Tena, 15.28027 Madrid, 2006.

MARTÍ, José. *Obras completas*. 2.ed. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1975. V.8 e 19, (Primeira edición publicada por La Editorial Nacional de Cuba, en coordinación con la Editora del Consejo Nacional de Cultura y la Editora del Consejo Nacional de Universidades. La Habana, 1963-1965).

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. RBCS Vol. 32 n° 94 junho/2017, DOI 10.17666/329402/2017 . Tradução de Marco Oliveira.

NASSIF, Ricardo. *José Martí*, Eduardo Santos (org.). Recife:Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social, In. *Epistemologias do Sul*. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Menezes (orgs)- São Paulo: Cortez, 2010.

RETAMAR, Fernández Roberto (org). *José Martí - Nossa América*, Editora Hucitec, São Paulo, 1983.